

LINGUAGEM, TRABALHO E CULTURA: IMAGENS DO LABOR NOS LIVROS I E III DAS "GEÓRGICAS" DE VIRGÍLIO

Júlia Batista Castilho de Avellar

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Resumo

Neste artigo, investiga-se a presença da temática do trabalho (*labor*) e do trabalhador como personagem do discurso nos livros I e III das "Geórgicas" de Virgílio. Com base nas noções de intradiscurso e interdiscurso e com um enfoque no campo discursivo literário, objetiva-se analisar duas digressões mitológicas presentes no poema: a passagem sobre a "teodiceia do trabalho" (I, v.118-159) e aquela sobre os pastores da Líbia e da Cítia (III, v.339-383), a fim de evidenciar a imagem ambivalente que se constrói da atividade "trabalho" na obra. Além disso, pretende-se demonstrar a importância dessa atividade ao longo do tempo, ao se promover uma interseção com a cultura clássica e com aspectos sócio-políticos do Império Romano.

Palavras-chave: Linguagem. Trabalho. Poesia didática latina. Virgílio. "Geórgicas".

Introdução

As "Geórgicas", do poeta latino Virgílio (I a.C.), são um poema composto por quatro livros, nos quais se aborda continuamente o tema do trabalho no campo, a partir da exposição de ensinamentos agrícolas, de descrições do ambiente campestre e de digressões narrativas. Trata-se, no entanto, da obra de Virgílio menos estudada: segundo Dalzell (1996, p. 105), enquanto cerca de 70% dos estudos se voltam para a "Eneida" e "20% para as Bucólicas", menos de 10% incluem as "Geórgicas". Cada um de seus livros discorre sobre uma modalidade diferente do trabalho rural: respectivamente, a agricultura, a arboricultura, a criação de animais e a apicultura, assuntos previamente anunciados nos versos que abrem a obra, no prólogo do livro I (v. 1-5):

*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam. [...]*

[O que torna as searas férteis, sob que astro,
Mecenas, convém lavrar a terra e unir a vinha
aos olmos, que atenção dar aos bois, que cuidado
à rês, quanta habilidade há nas simples abelhas,
tudo isso, daqui começarei a cantar.¹]

1 Todas as traduções de trechos em latim presentes neste artigo são de nossa responsabilidade.

2 CONTE. *Latin Literature: a history*, p. 263. Segundo notícia de Suetônio-Donato, biógrafos antigos de Virgílio, a obra teria sido terminada em 29 a.C. e, ainda nesse ano, lida a Otaviano Augusto em ocasião de sua parada em Atela, cidade da Campânia, após retornar vitorioso do Oriente. A datação, no entanto, é discutível. Para uma abordagem mais aprofundada, ver: *Enciclopedia Virgiliana*, v. II, p. 664-9.

A obra, que teria sido escrita em 29 a.C.², embora tematize o espaço do campo, revela, de acordo com Conte (1999), uma imagem retrospectiva e idealizada da economia rural, ou seja, não correspondente à realidade do período. Na época de Virgílio, ocorriam grandes transformações, tais como o aumento dos *latifundia*, o êxodo rural e a distribuição de terras aos veteranos de guerra. Além disso, desde a época de Catão, o Velho (séc. III a.C.), já se verificava a transferência de alguns cultivos (grãos, por exemplo) para as províncias romanas. Ora, as “Geórgicas” tratam do pequeno proprietário, que cultivava suas terras diretamente. Ademais, nelas sequer é mencionado o trabalho escravo, tão característico das grandes propriedades existentes na época. Assim, na opinião de Conte (1999, p. 273), essa “idealização do *colonus* tem evidentemente uma significância puramente moral”, de modo a evidenciar uma correspondência entre o pensamento virgiliano e a propaganda augustana de valorização das raízes rurais e dos costumes tradicionais do povo romano.

Ainda assim, é interessante observar que as “Geórgicas” são geralmente consideradas poesia didática, um subgênero da épica que se caracteriza pelo metro do hexâmetro datílico, por apresentar instruções sistemáticas em um assunto concreto (expostas por uma voz instrutora, do *magister* didático) e por ser, às vezes, bastante técnico e detalhado. Todavia, a obra virgiliana se particulariza por não apresentar preceitos exaustivos e precisos, mas visar, sobretudo, ao deleite do leitor³. A esse respeito, observa-se primeiramente que, em lugar de abordar todos os assuntos de importância para o pequeno proprietário, empreende-se uma seleção de temas supostamente mais adequados à poesia. Por exemplo, no livro III, sobre a criação de animais, merece destaque a figura do cavalo (ainda que pouco usado nas fazendas romanas), na medida em que era considerado um animal nobre, bem característico da poesia épica. Por outro lado, nem sequer um verso foi dedicado à

3 Cf. SÊNECA (*Epist.* XI, 86,15): *ut, ait Vergilius noster, qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolae docere uoluit sed legentes delectare* [“Como afirma o nosso Virgílio, que considerou não o que se pudesse dizer muito regradamente, mas muito graciosamente, e que não quis ensinar agricultores, mas deleitar leitores”].

criação de porcos, animal considerado vil. Essa incompletude dos ensinamentos virgilianos, inclusive, foi percebida desde a Antiguidade, com Plínio.

A isso, soma-se ainda a presença de “erros” técnicos na obra: por exemplo, no livro IV, são expostos procedimentos para enxerto de plantas geneticamente incompatíveis⁴. Com isso, é possível perceber que a obra não consiste em um mero manual agrícola, com objetivos práticos e funcionais, mas objetiva transformar um tema a princípio pouco poético em poesia, por meio da combinação dos discursos agrícola/técnico e literário.

Além disso, sua dimensão literária pode ser claramente observada em outra característica bastante comum no gênero didático: a inserção de painéis digressivos de caráter mitológico em meio aos ensinamentos. São exatamente duas passagens dessa natureza que o presente estudo analisa, a fim de investigar as imagens discursivamente construídas do *labor*⁵ e do trabalhador nos livros I e III das “Geórgicas” de Virgílio: as digressões sobre a “teodiceia do trabalho” (I, v. 118-159) e sobre os pastores da Líbia e da Cítia (III, v. 339-383)⁶.

Partindo da definição de Maingueneau (1991, p. 157-8) de campo discursivo como um conjunto de formações discursivas em concorrência e que se delimitam, ou seja, um recorte do universo discursivo, a fim de se delimitar um grupo de formações discursivas, é importante destacar que, no presente artigo, a investigação irá se centrar no campo discursivo literário, embora também sejam feitas algumas considerações sobre o campo discursivo político-social.

Além disso, no primeiro momento das análises, serão empregadas contribuições teórico-metodológicas de Fiorin (2005) – o conceito de “formação discursiva como conjunto de temas e figuras que materializam dada visão de mundo” (FIORIN, 2005, p. 32) e a ideia de que o discurso existe apenas como interdiscurso, numa concepção interacional, caracterizando-se como um “lugar de trocas enunciativas” (FIORIN, 2005, p. 45) – e de Faria (FARIA, 2001, p.31) – o fato de o discurso abranger duas dimensões complementares: o intradiscurso, “uma trajetória de sentidos que se desenvolve ao longo do texto”, e o interdiscurso, constituído “por oposição a outros discursos” (p. 31).

4 Para mais exemplos e aprofundamento dessas incompletudes e incongruências técnicas presentes nas *Geórgicas*, consultar: DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil, and Ovid*, p. 106-8; TREVIZAM. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*, p.157-9. THOMAS. *Prose into poetry: tradition and meaning in Virgil's "Georgics"*, p.244-6.

5 O termo latino *labor* possuiria inicialmente o sentido de “carga (sob a qual se vacila)”. Daí passou ao sentido de “sofrimento, fadiga (suportada no cumprimento de determinada tarefa)” e, a seguir, por novo enfraquecimento de sentido, passou a significar “trabalho, esforço, labor”. É importante destacar que os termos que designam “trabalho” no latim clássico são *opus* (resultado) e *opera* (atividade). No entanto, *labor* é frequentemente empregado com esse sentido na linguagem do campo, em que os trabalhos são particularmente pesados (ERNOUT & MEILLET, 1951, p. 595).

6 Para uma visão global de ambas as digressões, sua tradução completa, sob nossa responsabilidade, é apresentada nos anexos ao fim do trabalho.

O surgimento do labor no mundo: dom ou castigo divino?

A primeira digressão mitológica presente nas “Geórgicas” (I, 118-159) consiste na passagem sobre a “teodiceia do trabalho”, que, ao modo de uma narrativa etiológica, explica as causas para o surgimento do trabalho na vida dos homens. A digressão remete ao “Mito das Idades” e tematiza o fim da Idade Áurea e a subsequente imposição do *labor* à raça humana por Júpiter. O trecho inicial coloca em contraste dois momentos distintos, a Idade de Ouro (antes de Júpiter) e a Idade de Ferro (depois de Júpiter), de modo a se configurar uma oposição intradiscursiva entre /abundância/ e /dificuldade/:

*Ante Iouem nulli subiugebant arua coloni:
ne signare quidem aut partiri limite campum
fas erat; in medium quaerebant, ipsaque tellus
omnia liberius nullo poscente ferebat.
Ille malum uirus serpentibus addidit atris
praedarique lupos iussit pontumque moueri,
mellaque decussit foliis ignemque remouit
et passim riuus currentia uina repressit,
ut uarias usus meditando extunderet artis
paulatim, et sulcis frumenti quaereret herbam,
ut silicis uenis abstrusum excuderet ignem (v. 125-35,
grifos nossos).*

[Antes de Júpiter, **nenhum agricultor domava os campos**:
nem sequer era permitido marcar ou **delimitar um terreno**;
tudo obtinham **em comum**, e a própria terra,
sem ninguém pedir, **oferecia tudo muito espontaneamente**.
Ele introduziu maléfico veneno nas letais serpentes,
ordenou que os lobos caçassem e o mar se agitasse,

esgotou o mel das folhas, afastou o fogo
e reteve o vinho que corria por toda a parte nos rios,
para que, aos poucos, com a prática, a experiência
elaborasse
várias técnicas e levasse a **buscar o trigo pela arada**
e a **retirar dos veios de um seixo o fogo escondido.**]

No trecho acima, é possível identificar um percurso semântico das condições de vida do homem, que são enfocadas em dois momentos diferentes da história humana. Inicialmente, observam-se no percurso semântico os temas do ócio (“nenhum agricultor domava os campos”), da ausência de propriedade (“em comum”, não delimitação dos terrenos) e da fartura (a terra oferecia tudo,

sem ninguém pedir). Ou seja, o homem vivia em uma situação quase que paradisíaca durante a chamada Idade Áurea, em que se lhe apresentavam apenas facilidades.

No entanto, a ação de Júpiter é decisiva para o término desse automatismo espontâneo, mediante a imposição de acréscimos nocivos e a supressão daquilo que havia de bom. Assim, nessa nova época, a Idade de Ferro, o percurso semântico das “condições de vida” revela uma série de dificuldades enfrentadas pelo homem, como o aparecimento de animais selvagens e venenosos e o fim da plena disponibilidade de recursos. Todavia, a principal mudança operada consistiu no surgimento da necessidade de trabalho/esforço. Isso se evidencia ao fim da passagem acima, por meio do tema do trabalho, depreendido através da figura das “várias técnicas” e da referência à agricultura (“trigo”, “arada”) e à produção do fogo. Ou seja, pode-se afirmar que o trabalho passa a ser uma necessidade na vida dos homens.

Diante dessa nova realidade, marcada pela necessidade de trabalho e pelo desenvolvimento de várias *artes* (“técnicas”), são abordadas na digressão as principais atividades humanas, que serão temas no percurso semântico do trabalho identificado no trecho (v. 136-45). A navegação vincula-se a figuras como “rios” (*fluuii*), “álamos escavados” (*alnos cauatas*, metonímia dos navios feitos a partir dos troncos), “navegante” (*navuita*). A caça engloba as figuras dos “animais selvagens” (*feras*), dos cães de caça (*canibus*) e dos instrumentos de captura, isto é, as “armadilhas” e o “visco” (*laqueis, uisco*). A pesca relaciona-se ao “rio” (*amnem*), ao mar (*pelago*) e aos diferentes tipos de redes (*fun-da, lina*). É interessante notar que todas essas atividades são referidas por meio de verbos que indicam a participação e o esforço do homem. Para poder navegar, ele primeiramente contou (*fecit numeros*) e nomeou (*fecit nomina*) as estrelas e constelações, ou seja, precisou desenvolver técnicas de astronomia. Para caçar, aprendeu a capturar (*inuentum captare*) os animais e a manusear os instrumentos de caça. Para pescar, golpeia (*uerberat*) o rio e arrasta (*trahit*) redes.

Por fim, como um clímax das várias atividades citadas, a elaboração de armas e ferramentas (v. 143-4) anuncia que “chegaram a dureza [da idade] do ferro e a lâmina da serra rangente” (*tum ferri rigor, atque argutae lamminae serrae*, v. 143). Nesse verso, é interessante remarcar que a repetição da consoante ‘r’ (*ferri, rigor, argutae, serrae*) reforça a aspereza e a dificuldade imposta pelos enormes esforços a que o homem foi submetido.

Como consequência da necessidade esmagadora de recursos, o *labor*, que de tudo se apoderou (*labor omnia uicit*, v. 145), afigura-se como inevitável. Esse verso, inclusive, é bastante significativo, uma vez que, após serem listadas as diversas atividades e técnicas desenvolvidas pelo homem, o texto culmina com o domínio do homem pelo *labor*. E aqui é interessante pensar que *labor* designa não apenas “trabalho”, mas engloba também os sentidos de “esforço” e “sofrimento”. Tal como a peste que se apodera dos animais no livro III das “Geórgicas”, o *labor* se dissemina em todos os âmbitos da atividade humana e passa a regê-la.

Na sequência, em meio à situação de escassez de alimentos, Ceres empreende uma “intervenção civilizatória” (BARCHIESI, 1982, p. 53) e permite o desenvolvimento da agricultura, uma das várias *artes* com as quais o homem garante a sua sobrevivência:

*prima Ceres ferro mortalis uertere terram
instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae
deficerent siluae et uictum Dodona negaret.
mox et frumentis labor additus, ut mala culmos
esset robigo segnisque horreret in aruis
carduus; intereunt segetes, subit aspera silua
lappaeque tribolique, interque nitentia culta
infelix lolium et steriles dominantur auenae* (v. 147-4,
grifos nossos)

[Ceres foi a primeira a determinar que os mortais **lavrassem a terra** com o **ferro**, quando as glandes e os medronhos já faltavam à **sagrada floresta** e Dodona⁷ negava o alimento. Logo, o **labor** lançou-se também aos **cereais**: a maléfica ferrugem devora as hastes e o **cardo improdutivo** se eriça nos campos; morrem as **searas**, introduz-se **espinhosa vegetação** – **bardanas** e **abrolhos** – e, entre campos bem cultivados, imperam **joio infecundo** e **aveias estéreis**.]

7 Local célebre por possuir um oráculo de Júpiter. É interessante notar que as glandes são os frutos produzidos pelo carvalho, árvore consagrada a Júpiter.

Nesse trecho, o tema do trabalho agrícola pode ser percebido por meio das figuras da “terra” (*terram*) e do “ferro” (*ferro*), usado metonimicamente para se referir ao arado, bem como pela ação de arar (*uertere*). Além disso, há diversas figuras que remetem ao contexto do cultivo agrícola, mas com a particularidade de destacar o insucesso do trabalho, mesmo nos campos “bem cultivados”. Isso fica perceptível nas figuras das plantas mencionadas: ou se trata de ervas daninhas (“vegetação espinhosa”, “bardanas” e “abrolhos”), ou de cultivos que não vingaram (“joio infecundo” e “aveias estéreis”). Assim, os esforços humanos pareciam estar fadados à falência, de modo que a passagem parece ecoar as

dificuldades anteriormente impostas ao homem por Júpiter, com o início da Idade de Ferro.

Diante disso, o homem se vê obrigado a empreender uma “batalha contra a natureza” (GAGLIARDI, 1982, p. 32). Para impedir que o campo seja arruinado, deve realizar uma série de esforços, que se inserem também no já mencionado percurso semântico do trabalho: arrancar ervas com a enxada, aterrorizar as aves que destroem os campos e eliminar as sombras ao realizar podas com a foice (v. 155-7). Ou seja, se diante das dificuldades da Idade de Ferro o homem não se empenhar no cultivo dos campos e não se dedicar ao trabalho, ele estará fadado a passar fome ou se alimentar das castanhas produzidas nas matas, vítima da carência de recursos.

Os trechos acima discutidos oferecem um “prognóstico desolador quanto às chances de sucesso rural” (TOOHEY, 1996, p. 118), fazendo com que um dos principais temas do poema seja exatamente a suscetibilidade de o *labor* falhar, numa visão bastante pessimista. Desse modo, nota-se que, no plano intradiscursivo, evidenciam-se duas oposições principais. A primeira delas, entre /abundância/ e /dificuldade/, pode ser apreendida por meio do percurso semântico das condições de vida em dois momentos distintos: a Idade de Ouro (antes de Júpiter) e a Idade de Ferro (imposta por Júpiter). A segunda oposição, por sua vez, entre /esforço/ e /negligência/, revela-se por meio do percurso semântico do trabalho e relaciona-se apenas à Idade de Ferro.

No âmbito interdiscursivo, por sua vez, percebe-se a configuração de uma rede em que dialogam intertextos de outros autores da Antiguidade, como Hesíodo, Arato e Lucrécio⁸. Isso resulta, no que diz respeito às causas do surgimento do trabalho, na oposição de dois discursos principais: o discurso hesiódico, que considera o trabalho uma punição dos deuses sobre o homem, e o discurso presente em Arato, que atribui aos deuses uma atuação providencial, em favor dos homens.

Na perspectiva hesiódica, o infindável trabalho é algo inescapável, e só se é possível atingir o sucesso mediante duros esforços (cf. GALE, 2000, p. 58). Isso pode ser evidenciado, por exemplo, no seguinte trecho de *Os trabalhos e os dias*:

Mas diante de Excelência suor puseram os deuses imortais: longa e íngreme é a via até ela, e áspera no início; e quando se chega ao topo, fácil depois ela é, embora sendo difícil. (HESÍODO, v. 289-92, trad. Christian Werner).

8 Hesíodo, poeta grego que teria vivido entre 750 e 650 a.C., compôs *Os trabalhos e os dias*, que aborda o trabalho agrícola baseado nas estações do ano. Arato (IV-III a.C.), poeta grego, escreveu um poema didático a respeito de fenômenos astronômicos. Lucrécio (I a.C.), escritor latino, compôs *A natureza das coisas*, poema de temática filosófica e ideologia epicurista.

Esse quadro ecoa claramente nas passagens virgilianas do *labor omnia uicit* e da apresentação das diversas atividades que o homem deve realizar em sua batalha contra a natureza, já comentadas mais acima (v. 155-7). A isso se soma o fato de que, na perspectiva hesiódica, o trabalho humano teria duas causas: por um lado, seria o resultado da degeneração da humanidade, apresentada no “Mito das Idades” (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 106-201), e, por outro, seria a punição de Prometeu por Zeus, diante do roubo do fogo, por meio da criação de Pandora, que trouxe os males para o mundo⁹.

9 “E ele [Epimeteu] o recebeu e, quando já tinha o mal, percebeu. / Pois antes sobre a terra as tribos de homens viviam / afastadas de males e longe de duro *labor* / e aflitivas doenças, as que dão morte aos varões” (HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, trad. Christian Werner, v. 89-92, grifo nosso).

Segundo Gale (2000, p. 61-2), o discurso virgiliano combinaria as duas: as alusões a um período de espontaneidade antes de Júpiter, em oposição à realidade de esforços, remetem à idade de ouro hesiódica. Por sua vez, o modo com que o assunto é introduzido no texto virgiliano, enfatizando-se a necessidade do trabalho e o fim de uma época de facilidades, aponta para o início do mito de Prometeu, fato reforçado pelo trecho *silicis uenis abstrusum extunderet ignem* (“retirasse dos veios de um seixo o fogo escondido”, v. 135), que alude ao ocultamento do fogo por Zeus, em Hesíodo.

Apesar disso, no texto virgiliano, foi por vontade do próprio Pai Júpiter que se tornou necessário trabalhar duro:

[...] *pater ipse colendi
haud facilem esse uiam uoluit, primusque per artem
mouit agros, curis acuens mortalia corda
nec torpere graui passus sua regna ueterno* (v. 121-4).

[[...] O próprio Pai quis
que a via do cultivo não fosse nada fácil e primeiro fez
cultivarem
os campos com técnica, ao aguilhoar os corações mortais
com preocupações
e não suportar que seus reinos se entorpecessem em
pesada preguiça.]

Ora, é possível pensar que, mais do que para punir a raça humana, Júpiter acabou com a Idade Áurea para pôr fim à preguiça (*grauis ueterno*, v. 124) e possibilitar ao homem desenvolver várias *artes*. Sob essa perspectiva, a passagem se aproxima do modelo literário de Arato, que, influenciado pela perspectiva estoica, apresenta Zeus como um deus providencial, um pai amável, o que é inclusive reforçado no texto virgiliano pela referência a Júpiter como *Pater*. Diante disso, impõe-se a

dúvida quanto ao *status* do trabalho no texto: seria algo bom ou ruim? Se, por um lado, a imagem da época que antecede Júpiter baseia-se no primitivismo nostálgico de Hesíodo, por outro, Júpiter age aparentemente como o Zeus Estoico, com o objetivo de beneficiar a raça humana (cf. GALE, 2000, p. 62).

Semelhante ambivalência no *status* do *labor* verifica-se no emprego de *improbis* para caracterizá-lo:

[...] *labor omnia uicit*

improbis et duris urgens in rebus egestas (v. 145-6).

[o labor a tudo venceu,
insaciável, e também a necessidade, opressora nas
situações difíceis.]

Numa leitura inicial, o trecho possuiria um valor positivo, indicando que o trabalho superou ou venceu todas as coisas (o sentido inicial do verbo *uincit*, inclusive, é “vencer”). No entanto, o acréscimo do adjetivo *improbis*, em posição enfática (tanto por estar no início do verso seguinte quanto pelo *enjambement*), parece modificar o sentido inicial. Com base em uma investigação de Gale (2000, p. 62) a respeito dos demais empregos virgilianos do termo, concluiu-se que ele possui, sem ambiguidade alguma, um caráter pejorativo e negativo. Ou seja, o trabalho, na verdade, apoderou-se de tudo.

Ainda na rede intertextual das “Geórgicas”, convém comentar sobre o modelo lucreciano. O trecho da “teodiceia do trabalho” dialoga sobretudo com o livro V do *A natureza das coisas*, a respeito da história da cultura humana. Na perspectiva de Lucrécio, o progresso da civilização humana só ocorreria mediante a necessidade, combinada com a observação da natureza e a sorte (cf. WILKINSON, 1997, p. 139). Além disso, o processo de evolução humana trouxe invenções benéficas (como a linguagem e a agricultura) e danosas (como as guerras). Seu caráter gradual é retomado no texto virgiliano (*ut uarias usus meditando extunderet artis paulatim*, “para que, aos poucos, com a prática, a experiência elaborasse várias técnicas”, v. 133-4), bem como a linguagem lucreciana (cf. GALE, 2000, p. 63). No entanto, diferentemente de Lucrécio, em que o processo é concebido como natural e não envolve a intervenção divina, Virgílio atribui a Júpiter e a Ceres, respectivamente, o surgimento do trabalho e da agricultura.

Diante disso, Gale (2000, tradução nossa) considera que

A maravilhosa idade de sossego e folga terminou com Júpiter – mas para beneficiar, e não punir a humanidade. O trabalho é algo bom (sob o aspecto de *gravi ueterno*, pesada letargia) e ruim (sob o aspecto de *improbis*, insaciável)¹⁰.

10 *The wonderful age of ease and leisure was ended by Jupiter – but in order to benefit, not to punish mankind. Work is a good thing (in view of gravi ueterno, 'heavy sloth') and a bad thing (in view of improbis, 'insatiable').*

Assim, a presença das mencionadas ambivalências e diferentes perspectivas, que, entretanto, combinam-se de modo a gerar um todo harmônico, confere à passagem um caráter polifônico. Com isso, nota-se que o poema virgiliano não se limita aos ensinamentos didáticos, mas empreende complexas reflexões acerca das relações entre homem, natureza e trabalho, desenvolvidas em especial nos trechos digressivos, como o aqui analisado.

O trabalhador como personagem do discurso: os pastores da Líbia e da Cítia

O livro III das “Geórgicas”, na medida em que discorre sobre a atividade da criação de animais, evoca naturalmente a personagem do trabalhador na figura do pastor. Trata-se de um ofício merecedor de destaque na Antiguidade, já que o trabalhador pastor era geralmente associado também à atividade poética, conforme o demonstra a tradição da literatura bucólica greco-romana, que inclui obras de Teócrito e do próprio Virgílio. Além disso, no âmbito romano, a atividade possuía certa nobreza e dignidade, uma vez que, segundo os relatos históricos, a cidade de Roma teria sido, em sua fundação, uma comunidade de pastores. Esses dois aspectos acima mencionados quanto à figura do pastor podem ser notados no seguinte trecho do agrônomo latino Varrão (*De re rustica*, II, I, 6; 9)¹¹:

11 Citado por TREVIZAM, 2006, p. 104-5.

De antiquis illustrissimus quisque pastor erat, ut ostendit et Graeca et Latina lingua et ueteres poetae, qui alios uocant polyarnos, alios polymelos, alios polybutas [...] Romanorum uero populum a pastoribus esse ortum quis non dicit? Quis Faustolum nescit pastorem fuisse nutricium, qui Romulum et Remum educauit? Non ipsos quoque fuisse pastores obtinebit, quod Parilibus potissimum condidere urbem?

[Todo homem muito ilustre dentre os antigos era pastor, conforme mostram as línguas grega e latina e os poetas arcaicos, que a uns denominam ricos em ovelhas, a outros ricos em carneiros, a outros ricos em bois [...]. Em verdade, quem não diz que o povo romano nasceu dos pastores? Quem desconhece que o pastor

Fáustulo alimentou Rômulo e Remo e que os educou?
O fato de que fundaram Roma especialmente na época
das Parílias [Festival de Pastores] não sustentará que
também eles próprios eram pastores?]

Já no âmbito das “Geórgicas”, é interessante observar que, na digressão sobre os pastores da Líbia e da Cítia (III, v. 339-383), as personagens encontram-se em regiões que se caracterizam por condições climáticas extremas. Os pastores africanos enfrentam o enorme calor da Líbia, ao passo que os da Cítia devem suportar as agruras de um inverno quase eterno: “Sempre inverno, sempre os Cauros soprando o frio” (*semper hiems, semper spirantes frigora Cauri*, v. 356). Ou seja, é como se as condições climáticas fossem uma dificuldade a mais para a realização do trabalho, e como se, além da necessidade e da imposição do *labor* aos homens pelos deuses (cf. “teodiceia do trabalho”, no livro I), também a natureza impusesse o seu fardo ao trabalhador.

No que concerne ao pastor da Líbia, convém destacar, primeiramente, o caráter contínuo e ininterrupto de seus esforços:

*Saepe diem noctemque et totum ex ordine mensem
pascitur itque pecus longa in deserta sine ullis
hospitiis: tantum campi iacet!* [...] (III, 341-3)

[Muitas vezes, durante dia, noite e mês inteiro, sem parar,
o rebanho pasta e vai a longínquos desertos sem pousada
alguma: tanto campo se estende!]

Ele desempenha suas atividades durante dia e noite, por um mês inteiro, sucessivamente (*ex ordine*). Além dessa extensão no tempo, nota-se também uma extensão no espaço, visto que o pastor acompanha o rebanho até locais distantes, percorrendo toda a amplitude dos campos: *tantum campi iacet* (v. 343). Na sequência da descrição, destaca-se o fato de esse trabalhador pastor ser nômade. Ao desempenhar seu ofício, ele leva consigo, acumulados, todos os seus bens. A esse respeito, nota-se que o acúmulo dos objetos é poeticamente expresso em latim por meio da repetição da conjunção *-que* (“e”). Desse modo, um termo gramatical adquire, graças à sua repetição, um valor imagético, uma vez que ele se acumula nos versos, representando exatamente os bens que o pastor leva consigo:

[...] *omnia secum*

armentarius Afer agit, tectumque laremque

*armaque Amyclaeumque canem Cressamque
pharetram;*

non secus ac patriis acer Romanus in armis

iniusto sub fasce uiam cum carpit, et hosti

ante expectatum positus stat in agmine castris (v. 343-
8, grifos nossos).

[...] O pastor africano

tudo toca consigo: teto e lar

e armas e cão amicleu e aljava cretense;

assim como o enérgico romano sob a armadura pátria,
quando se põe a caminho sob excessiva carga e, antes
do esperado,

já fixado o acampamento, ergue-se firme no fronte
contra o inimigo.]

É notável que a descrição termina comparando o pastor africano ao soldado romano, que desempenha a nobre função de se dedicar à pátria. Assim, devido a essa comparação, pode-se afirmar que a figura do pastor é, de certa forma, dignificada. Além disso, a aproximação funda-se ainda no fato de que, em ambos os domínios – militar e pastoril – é necessário empreender uma luta: seja contra o inimigo, seja contra a natureza hostil. Quanto à figura do soldado, o trecho faz lembrar a passagem de Catão (I, 4), agrônomo latino que viveu nos séculos III-II a.C., em que se expõe a ideia de que o bom soldado era, acima de tudo, um bom agricultor: *At ex agricolis et viri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur* (“Mas dos agricultores provêm os homens mais fortes e os soldados mais corajosos”). Ou seja, o desempenho tanto de atividades agrícolas quanto militares exigia qualidades como a “bravura, a persistência, a disciplina, a frugalidade, a austeridade, o acato aos deuses e aos superiores” (TREVIZAM, 2006, p. 35), traços esses que, além disso, caracterizavam o *mos maiorum*, isto é, os costumes dos antepassados.

Por sua vez, no que diz respeito ao pastor da Cítia, sobressai a dificuldade de exercer seu ofício mediante o frio extremo. Ele vive em um ambiente em que nenhuma erva aparece no campo, nem folhagens nas árvores e em que a água dos rios transforma-se inteiramente em gelo, de modo que as popas dos barcos são substituídas pelas rodas dos carros. O inverno nessas paragens é tão rigoroso, que a expressão poética adquire caráter hiperbólico: o frio faz até os metais se romperem e causa o congelamento de

tudo: das roupas, do vinho e até mesmo das gotas d'água que se acumulam na barba dos homens (v. 352-66). Ora, nessas circunstâncias extremas, é natural que os animais morram:

*intereunt pecudes, stant circumfusa pruinis
corpora magna boum, confertoque agmine cerui
torpent mole noua et summis uix cornibus exstant.
Hos non immissis canibus, non cassibus ullis
puniceaeue agitant pauídos formidine pennae,
sed frustra oppositum trudentis pectore montem
comminus obruncant ferro grauiterque rudentis
caedunt et magno laeti clamore reportant (III, 368-75).*

[morrem os rebanhos; ficam cercados pela geada os grandes corpos dos bois, e os cervos, em marcha cerrada, com novo peso se entorpecem e a custo sobressaem com a ponta dos chifres. Não os perseguem com cães enviados, nem com redes, nem os aterram com o horror da pena vermelha¹², mas de perto decapitam com a espada os que em vão empurram com o peito o monte oposto, matam os que urram forte e, alegres, transportam-nos com grande clamor.]

12 Trata-se de uma corda com penas brilhantes atadas a ela, usada para direcionar a presa durante a caça (THOMAS, 2001, p. 110).

Portanto, diante das dificuldades de desempenhar as atividades de pastoreio, o habitante da Cítia passa a dedicar-se à caça. Essa atividade é facilmente identificada no trecho acima por meio tanto da figura que representa a presa (cervos), quanto pelas figuras relacionadas aos apetrechos de caça: os cães, as redes, a espada e a pena vermelha. Desse modo, o frio extremo que, a princípio, poderia ser causa de desolação e fracasso nos esforços do pastor da Cítia, pois faz os rebanhos perecerem, na verdade é capaz, segundo Trevizam (2006, p. 214), de recompensar o trabalhador através do efeito de entorpecimento da caça, que se torna uma presa fácil aos caçadores.

Considerações finais

Por meio da análise de duas digressões presentes nas "Geórgicas", pretendeu-se evidenciar o sentido e as implicações do trabalho e do trabalhador nessa obra de Virgílio, relacionando-os ao contexto sociocultural romano e ao valor culturalmente

atribuído às atividades agrícolas. A passagem sobre a “teodiceia do trabalho” demonstrou que o *status* do *labor* no mundo é ambíguo: ao mesmo tempo em que oferece técnicas para o homem obter progressos e desenvolver a civilização, ele também se impõe à condição humana como esforço inevitável e necessário à sobrevivência diante da escassez de recursos. Esse último aspecto parece ecoar na segunda digressão analisada, na medida em que os trabalhadores pastores da Líbia e da Cítia se defrontam com condições climáticas extremas. Diante disso, o pastor adquire o valor de um soldado romano e empreende uma luta contra as dificuldades impostas pela natureza. Com base nessa interseção com a cultura clássica, é possível observar que o “trabalho”, desde muito tempo, já se faz presente não só nas sociedades humanas, mas também nas produções literárias, inclusive como temática principal.

ABSTRACT:

This paper investigates the thematic of toil (*labor*) and the toiler as a character in the books I and III of Virgil's *Georgics*. Based on the notions of intradiscourse and interdiscourse, we focus on the literary discursive field and analyse two illustrative panels based upon mythological themes: the episode on the ‘aetiology of *labor*’ (I, v. 118-159) and the passage on the shepherds of Libya and Scythia (III, v. 339-383). This way, we seek to highlight the ambiguous aspect of the *labor* in the Virgilian poem. In addition, we intend to demonstrate the importance of the human activity of “work” over time, since the focus is on the classical culture and the socio-political context of Roman Empire.

Keywords: Language and work. Latin didactic poetry. Virgil. “Georgics”.

REFERÊNCIAS

BARCHIESI, Alessandro. Lettura del secondo libro delle “Georgiche”. In: GIGANTE, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982, vol. II, p. 41-86.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore/ London: The Hopkins University Press, 1999.

DALZELL, Alexander. **The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid.** Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, p. 104-31.

Enciclopedia Virgiliana. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985, v. II, p. 664-698.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots.** Paris: Klincksieck, 1951.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: MENDES, E. A. M. (Org.); IBLER, V. B. (Org.); OLIVEIRA, P. F. M. (Org.). **O novo milênio - interfaces linguísticas e literárias.** Belo Horizonte: FALE UFMG, 2001, p. 31-37.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GAGLIARDI, Donato. Lettura del primo libro delle "Georgiche". In: GIGANTE, M. (org.). **Lecturae Vergilianae.** Napoli: Giannini, 1982, vol. II, p. 9-39.

GALE, Monica R. **Virgil on the nature of things: the "Georgics", Lucretius and the didactic tradition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias.** Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **L'Analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive.** Paris: Hachette, 1991.

SÊNEQUE. **Lettres à Lucilius.** Tome III (Livres VIII-XIII). Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

THOMAS, Richard F. P. **Prose into poetry: tradition and meaning in Virgil's "Georgics".** In: Harvard studies in classical philology. Cambridge, Mass./ London, 1987, vol. XCI, p. 229-260.

TOOHEY, Peter. **Epic Lessons: an introduction to the ancient didactic poetry.** London/New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, Matheus. **Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina.** Tese de Doutorado inédita. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2006.

VIRGIL. *Georgics*. Edited by Richard Thomas. Cambridge: University Press, 2001, v. II.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

WILKINSON, L. P. The “*Georgics*” of Virgil: a critical survey. New edition, foreword and bibliography by Niall Rudd. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

Anexos¹³

13 Ambas as traduções abaixo apresentadas são de nossa responsabilidade

1. Teodiceia do trabalho (I, v.118-159)

Embora os esforços de homens e bois tenham enfrentado tais coisas ao lavar a terra, algo o pato cruel, os grous do Estrimão e a endívia de amargas raízes prejudicam, ou a sombra danifica. O próprio Pai¹⁴ quis

que a via do cultivo não fosse nada fácil e, primeiro, fez cultivarem os campos com técnica, ao agulhoar os corações mortais com preocupações e não suportar que seus reinos se entorpecessem em pesada preguiça.

Antes de Júpiter, nenhum agricultor domava os campos: nem sequer era permitido marcar ou delimitar um terreno; tudo obtinham em comum, e a própria terra, sem ninguém pedir, oferecia tudo muito espontaneamente.

Ele introduziu maléfico veneno nas letais serpentes, ordenou que os lobos caçassem e o mar se agitasse, esgotou o mel das folhas, afastou o fogo

e reteve o vinho que corria por toda a parte nos rios, para que, aos poucos, com a prática, a experiência elaborasse várias técnicas e levasse a buscar o trigo pela arada e a retirar dos veios de um seixo o fogo escondido.

Então, os rios pela primeira vez sentiram os álamos escavados, então, o navegante contou e nomeou as estrelas: Plêiades, Híades e a luminosa Árcton de Licaão.

Então, descobriu-se como capturar feras com armadilhas, enganá-las com visco e cercar grandes bosques com cães.

E um já golpeia o largo rio com o tremalho, buscando o fundo, outro arrasta úmidas redes no mar.

Então, vieram a dureza do ferro e a lâmina da serra rangente (antes com cunhas fendiam a madeira macia), então, as várias técnicas: o labor a tudo venceu, insaciável, e também a necessidade, opressora nas situações difíceis.

Ceres foi a primeira a determinar que os mortais lavrassem a terra

14 Júpiter.

com o ferro, quando as glandes e os medronhos já faltavam
à sagrada floresta, e Dodona negava o alimento.
Logo, o labor lançou-se também aos cereais: 150
a maléfica ferrugem devora as hastes e o cardo improdutivo se eriça
nos campos; morrem as searas, introduz-se espinhosa vegetação –
bardanas e abrolhos – e, entre campos bem cultivados,
imperam joio infecundo e aveias estéreis.
Pois, se não arrancares a erva com repetidos golpes de enxada, 155
aterrorizares com ruído as aves, podares com a foice
as sombras do escuro campo e chamares a chuva com preces,
ai! em vão observarás a grande produção do vizinho
e matará a fome golpeando o carvalho nas matas.

2. Pastores da Líbia e da Cítia (III, v. 339-383)

Por que te descreveria em verso os pastores da Líbia,
as pastagens e aldeias ocupadas por esparsas casas? 340
Muitas vezes, durante dia, noite e mês inteiro, sem parar,
o rebanho pasta e vai a longínquos desertos sem pousada
alguma: tanto campo se estende! O pastor africano
tudo toca consigo: teto e lar
e armas e cão amicleu e aljava cretense; 345
assim como o enérgico romano sob a armadura pátria,
quando se põe a caminho sob excessiva carga e, antes do esperado,
já fixado o acampamento, ergue-se firme no fronte contra o inimigo.

Mas não por onde os povos da Cítia¹⁵, a água meócia¹⁶
e o turbulento Histro¹⁷ que revolve amarelas areias; 350
por onde retorna o Ródope alongado rumo ao polo médio.
Lá, mantêm os rebanhos encerrados nos estábulos, e nenhuma
erva aparece no campo, nem folhagens nas árvores;
mas a terra se estende longamente, disforme com montes de neve
e com gelo profundo, e se ergue sete braçadas. 355
Sempre inverno, sempre os Cauros¹⁸ que sopram o frio.
E o sol nunca dissipa as sombras pálidas,
nem quando puxado por cavalos dirige-se para o alto céu, nem quando
banha na rubra superfície do Oceano o carro que se precipita.
Placas súbitas se formam no rio corrente, 360
e a água já sustém na superfície as rodas de ferro,
antes ela recebia popas, agora largos carros;
os bronzes se rompem por todos os lados; as roupas vestidas
congelam-se, cortam-se com machadinhas os vinhos não mais líquidos,
lagoas inteiras transformam-se em sólido gelo, 365
e a gota endurece eriçada nas barbas desalinhas.
Enquanto isso, não neva menos em todo o ar:

15 Região localizada no norte da Eurásia.

16 Referência ao Mar de Azov, ao norte do Mar Negro.

17 Rio Danúbio.

18 Vento noroeste.

morrem os rebanhos; ficam cercados pela geada os grandes
corpos dos bois, e os cervos, em marcha cerrada, com novo
peso se entorpecem e a custo sobressaem com a ponta dos chifres. 370

Não os perseguem com cães enviados, nem com redes,
nem os aterram com o horror da pena vermelha,
mas de perto decapitam com a espada os que em vão
empurram com o peito o monte oposto, matam os que urram
forte e, alegres, transportam-nos com grande clamor. 375